

De Grimm a Gaiman: passeando pela floresta com “João e Maria”

Simone Campos Paulino¹
Vera Lúcia Teixeira Kauss²

Resumo

O conto “João e Maria” - ou no original Hansel e Gretel – narra a história de dois irmãos que, diante da fome que assola a família, são abandonados na floresta pelos pais. Esta narrativa foi revisitada diversas vezes, tendo como uma das versões mais recentes o livro homônimo publicado em 2015. O presente artigo convida o leitor a caminhar pela floresta com as crianças e analisar o conto “João e Maria” escrito pelos irmãos Grimm em 1812 e o livro *João e Maria* de 2015, publicado por Neil Gaiman. Desta forma, separados por séculos, analisaremos a proximidade da trama e a resistência do tema deste conto de fadas.

Palavras-chaves: João e Maria, contos de fadas, literatura infantojuvenil

From Grimm to Gaiman: walking through forest with “Hansel and Gretel”

Abstract

The tale "Hansel and Gretel" - or the original Hansel and Gretel - tells the story of two brothers who, in the face of hunger plaguing the family, are abandoned in the forest by their parents. This narrative was revisited several times, with the one of the latest versions of the eponymous book published in 2015. This article invites the reader to walk through the woods with the children and analyze the tale "Hansel and Gretel" written by the Brothers Grimm in 1812 and the book *Hansel and Gretel* 2015, published by Neil Gaiman. Thus, separated by centuries, we will analyze the proximity of the plot and the theme of resistance of this fairy tale.

Keywords: Hansel and Gretel, fairy tales, children and youth literature

¹ Graduada em Letras com licenciatura plena em Português-literatura pela Universidade do Grande Rio (2009). Especialista em Literatura Infanto-Juvenil da Universidade do Grande Rio (2011), mestra em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014) e atualmente doutoranda em Humanidades, culturas e artes pela Universidade do Grande Rio.

² Possui graduação em Letras pela Fundação Técnico Educacional Souza Marques Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (1979), graduação em Licenciatura Plena e Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa; mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996) e doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Professora de Literatura Comparada na UNIGRANRIO, atuante na graduação, mestrado e doutorado.

INTRODUÇÃO

Todos nós, na infância, devemos ter ouvido ao menos uma vez a história de João e Maria perdidos na floresta. O tema dos dois irmãos, abandonados à própria sorte e aos riscos da floresta, além do medo de ser devorado por uma “bruxa malvada”, povoa até hoje o imaginário de adultos e crianças. A origem desta história pode estar na narrativa folclórica russa *Baba Yaga*, na qual duas crianças são enviadas como servos pela madrasta a uma canibal que promete não devorá-los se os mesmos cumprirem tarefas impossíveis. O tema do canibalismo também se apresenta no conto de Charles Perrault, cem anos antes de “João e Maria” entrarem na literatura. Em “O Pequeno polegar”, Perrault narra a história de sete irmãos que também são abandonados na floresta e, assim como João e Maria, correm o risco de serem devorados. Observamos que a origem da narrativa de João e Maria não pode ser apontada com clareza. Segundo Robert Darton, “O pequeno polegar”, é uma versão francesa de “João e Maria”. No conto, não há espanto algum sobre o fato que os pais decidiram livrar-se dos filhos, uma vez que a vida havia se tornado demasiadamente difícil e não era possível sustentar a todos. O autor justifica que, em meados de 1690 – época em que Perrault escrevia contos como “O pequeno polegar” - a Europa estava no auge da pior crise demográfica do século XVII, sendo assim era comum os bebês serem deixados para adoecerem e morrerem e também era corrente que crianças fossem abandonadas nas florestas. (DARTON, 1986).

Achar a origem de um conto de fadas é uma tarefa impossível. Segundo Marina Warner, tentar situar historicamente este tipo de narrativa é algo frustrante, pois existe uma dificuldade de compor uma cronologia ou definir uma origem (WARNER, 1999, p. 21), podemos encontrá-las em diversas versões e em diferentes países, culturas; porém podemos destacar que, na literatura, o conto de João e Maria ganhou as páginas dos livros através dos irmãos Grimm, na Alemanha. A história de Jacob e Wilhem Grimm, publicada pela primeira vez em 1812, tratava de um dos medos mais primitivos das crianças: o abandono. Os Grimm publicaram, em *Contos da infância e do Lar*, a cada edição, uma versão modificada de João e Maria, lapidando-a e moldando-a aos gostos da sociedade cristã.

A história escrita no século XIX teve sua origem – assim como muitos contos de fadas – na oralidade e, após ganhar a literatura através das mãos dos irmãos Grimm, foi adaptada em diversas versões e suportes que extrapolam a literatura, como é o caso das adaptações para o cinema e o teatro.

Apesar de distante temporalmente, a história de João e Maria – ou Hansel e Gretel, segundo o original dos irmãos Grimm – continua a ser revisitada. Uma das mais recentes reescrituras deste conto foi publicada em 2015 pela editora Intrínseca. O citado livro foi escrito por Neil Gaiman, inglês, autor de romances e quadrinhos que também assinou a coautoria de roteiros de filmes como *Beowulf* (animação de 2007) e *Stardust* (2007). A obra escrita por Gaiman se utiliza de várias versões do conto “João e Maria”, na criação de uma obra inédita com um tema tão explorado.

Abordaremos, neste artigo, a versão do conto dos irmãos Grimm em contraponto com o livro *João e Maria* de Gaiman. Buscaremos, nesta análise, levantar as semelhanças e divergências da obra, além de abordar a representação das personagens femininas no conto.

JOÃO E MARIA DOS IRMÃOS GRIMM

Os irmãos Grimm realizaram, na Alemanha do século XIX, um grande trabalho folclorista. Empenhados em destacar o verdadeiro espírito alemão, como uma forma de protesto à dominação francesa, os irmãos realizaram a coleta de contos folclóricos, tendo como fontes mulheres cultas e também camponesas, como Katherina Wieckmann e a descendente de franceses Jeannette Hassenpflug. Esta coleta de contos de fadas gerou o livro denominado *Contos da infância e do lar*, publicado entre os anos de 1812 e 1815.

Nas primeiras edições, os autores buscaram fidelidade às suas narradoras, entretanto, devido as críticas recebidas, principalmente diante das cenas de violência contra crianças, os Grimm viram a necessidade de “enxugar o sangue” de suas narrativas e extirpá-las do que não agradava à sociedade cristã da época. Desta forma, apagou-se dos contos toda referência às culturas pagãs e a violência exagerada. As primeiras versões de “João e Maria”, por exemplo, possuem diferenças cruciais diante da última e mais popular versão.

Muito se disseminou da variante de “João e Maria” descrita na ópera de Engelbert Humperdinck, de 1893, na qual os pais perdem os filhos na floresta. O conto dos Grimm, entretanto, versa sobre um universo bem mais cruel, no qual a fome pode levar as pessoas a atitudes bárbaras, como abandonar os próprios filhos na floresta.

Na narrativa dos Grimm, a fome e a pobreza se apresentam como as maiores antagonistas. Na situação inicial, o narrador afirma sobre a casa onde João e Maria viviam junto com o pai (um pobre lenhador) e a madrasta: “Nunca havia muito que comer na casa deles, e, durante um período de fome, o lenhador não conseguiu mais levar pão para casa” (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 62).

É a fome e a condição precária da família que faz surgir na história outra grande antagonista: a madrasta. Diante da situação de privação, a mulher do lenhador passa a ver as crianças como um estorvo e sugere ao marido “Amanhã, ao romper da aurora, vamos levar as crianças até a parte mais profunda da floresta. (...) Depois vamos tratar dos nossos afazeres, deixando-as lá sozinhas.” (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 62). O pai mostra-se amoroso com as crianças e não deseja abandoná-las, mas a madrasta insiste destacando a necessidade de sobrevivência, até que o homem acaba por levar o plano adiante.

As crianças, que ouviram tudo durante a noite, conseguem retornar para casa após serem abandonadas. Com engenhosidade, João deixou pelo caminho seixos que havia colhido no riacho e isto ajudou os irmãos a encontrar o caminho de volta.

O pai fica feliz em ver os filhos de volta, mas “pouco tempo depois, cada cantinho do país foi castigado pela fome” (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 64) e novamente as crianças são abandonadas na floresta. Desta vez, para marcar o caminho, João usa pedaços de pão; mas os passarinhos comem as migalhas e as crianças não encontram o caminho de volta. Ao seguirem um pássaro que cantarolava, as crianças encontraram uma casa feita de pão. A fome mostra-se mais uma vez como grande antagonista, levando às crianças a encontrarem a casa de uma velhinha, a princípio, muito boa, mas que “na verdade, era uma bruxa malvada, que atacava criancinhas e tinha construído a casa de pão só para atraí-las” (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 68).

A bruxa trancou João e passou a alimentá-lo; enquanto Maria era a empregada da velha. O menino, mais uma vez utilizando-se da esperteza e valendo-se da visão ruim da bruxa, dava um ossinho para a velha apertar, sempre que esta pedia a ele o dedo a fim de conferir se ele havia engordado. Mas depois de um tempo, perdendo a paciência, a bruxa decide cozinhar o menino mesmo ainda estando magro.

A velha, após acender o fogão, manda que a menina entre para verificar se está aquecido; “o que a velha estava planejando era fechar a porta assim que Maria se metesse dentro do forno” (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 71), mas a menina percebe o plano e, mascarando-se da inocência infantil, diz não saber como faria para entrar. A bruxa entra no forno para mostrar a menina como fazê-lo, neste momento, Maria fecha a porta de ferro, “a bruxa perversa morreu queimada de uma maneira horrível” (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 72).

Maria liberta o irmão e os dois encontram, na casa da velha, baús cheios de joias. Os irmãos carregam o que podem e caminham pela floresta tentando voltar para casa. Uma patinha auxilia as crianças a atravessarem um rio. Quando chegam em casa, o pai as recebe com festa, enquanto lhes dá a notícia de que a madrasta havia morrido.

Segundo alguns historiadores, o conto de “Hasel e Gretel” tem origem na Grande fome de 1315, que “levou pessoas comuns a abandonarem os filhos e a se alimentarem de carne humana” (GAIMAN, 2015, p. 54). Como se tratava de uma prática comum da época originária do conto, a primeira versão dos Grimm levou este fato para a escrita, mostrando que a ideia de abandonar as crianças na floresta não foi apenas da mulher, mas, na realidade, foi um trato de comum acordo entre o marido e a esposa.

Sobre as diversas redações do mesmo conto, é importante ressaltar que, nas primeiras versões de “João e Maria” escritas pelos Grimm, não havia madrasta, ambos eram pais biológicos das crianças. Esta mudança específica da narrativa fica claro nas seguintes passagens:

“A madrasta deu a cada criança um pedaço de pão dormido” (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 63)

“Mais uma vez fez-se uma grande fogueira, e a madrasta disse (...) (GRIMM *apud* TATAR, 2013., p. 65)

“Uma noite as crianças ouviram o que a mãe dizia (...) (Grifos nosso) (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 64)

Pode tratar-se de um simples equívoco de tradução a aparição da palavra “mãe”, uma vez que no conto “João e Maria”, publicado na coleção selecionada pela doutora Clarissa Pinkola Estés, com tradução de Lia Wyler, nos apresenta o trecho que destacamos, no qual o termo aparece, da seguinte forma: “e as crianças ouviram a mulher deitada à noite dizer ao marido (...)” (GRIMM, 2005, p. 213). Como podemos observar, neste trecho, a palavra “mãe” foi substituída por “mulher”. Ainda assim, podemos observar que permanece o “esqueleto” do conto original em que a madrasta e a mãe são a mesma personagem. Entretanto, a fim de manter a sacralidade materna, os irmãos Grimm transmitiram à madrasta o papel de vilã. Segundo Maria Tatar, foi na “quarta edição (...), em 1840, os Grimm haviam transformado a 'esposa' numa 'madrasta’” (TATAR, 2013, p. 351-352).

Em algumas interpretações, entende-se que a “madrasta” e a “bruxa” são duas faces de uma mesma personagem, uma vez que, ao retornarem para casa, a esposa do pai havia morrido, sem maiores explicações, num período próximo, se não o mesmo, em que morria queimada a bruxa.

Sobre a morte da bruxa, expressou-se muito do ideário cristão dos Grimm ao narrar a morte desta personagem em uma fogueira. Além disso, em diversas passagens vemos os irmãos invocarem o nome de Deus: “O bom Deus vai nos proteger” (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 65) e “Ó meu Deus, ajude-nos!” (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 71).

JOÃO E MARIA DE GAIMAN

Baseando-se no conto dos irmãos Grimm, ouvido na infância, Neil Gaiman escreveu *João e Maria*, livro publicado pela editora Intrínseca em 2015. Segundo o autor, em entrevista concedida a respeito do livro, os contos de fadas exercem sobre ele um fascínio pela sua durabilidade e o conto “Hasel e Gretel”, em particular, pelo terror capaz de despertar.

Foi através de “João e Maria” que o autor se deu conta, ainda na infância, que seres humanos podem comer outros humanos. Gaiman afirma que, através deste conto, ficou claro que “Eu sou feito de carne. Eu sou comida em potencial”.

O horror de narrativas, como “João e Maria”, devem, segundo Gaiman, ser apresentado às crianças. O autor declara, na entrevista citada anteriormente

que se as crianças forem protegidas das histórias obscuras, “não terá nenhuma defesa ou qualquer entendimento sobre elas quando elas aparecerem”. A fala do autor nos remete a Walter Benjamin e seu ensaio *O narrador*. Segundo Benjamin, “O conto de fadas ensinou a muitos séculos à humanidade, e continua ensinando até hoje às crianças, que o mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo místico com astúcia e arrogância.” (BENJAMIN, 1994, p. 215).

O livro conta com ilustrações de Lorenzo Mattotti feitas em nanquim, com as imagens trabalhadas através de sombras, que dialogam com o tom sombrio da narrativa. Segundo o ilustrador, ao ser entrevistado sobre o livro, “a escuridão de João e Maria faz parte do DNA da história”. Na capa, apresenta uma ilustração na qual predomina o negro. No meio do único espaço branco, está João de mão dada com Maria e os dois parecem estar prestes a serem devorados pela floresta.

A história de Gaiman inicia com uma sentença equivalente ao “Era uma vez”: “Isso tudo aconteceu há muito tempo, na época da sua avó, ou no tempo da avó dela. Muito tempo atrás” (GAIMAN, 2015, p. 6).

Diferente dos irmãos Grimm, Gaiman não protege a sacralidade maternal e deixa claro que a mulher que abandona as crianças na floresta e a mãe são a mesma pessoa: “O lenhador se casou com uma mulher bem jovem, que o ajudava da melhor forma que podia (...) pouco depois do casamento, a barriga dela começou a inchar.” (GAIMAN, 2015, p. 6). Desta primeira gestação nasceu Maria e, dois anos mais tarde, nascia João. Segundo Maria Rita Kehl, “A sobrevivência de diversas histórias de abandono das crianças por mães/madrastas egoístas, na linha de João e Maria e Pequeno Polegar, indica que as crianças querem saber dos limites e da ambivalência do amor materno.” (KEHL, 2006, p. 17).

A relação familiar mostra-se tensa logo no início da narrativa: “João e Maria não se importavam se a mãe às vezes parecia amarga e tinha língua afiada e se o pai às vezes ficava cabisbaixo e ansioso para sair da casinha onde moravam” (GAIMAN, 2015, p. 7). Em paralelo à descrição do cotidiano familiar, o livro é ilustrado com a imagem da casa do lenhador, em um jogo de preto e branco, mostra-se a casa e a floresta escura em sua circunvizinhança.

As privações originadas pelo pouco dinheiro com o qual a família vivia, através do sustento provido pelo lenhador, figuravam de forma cruel nas relações mais íntimas. Entretanto a situação só se fez piorar após a guerra. A

guerra citada pelo autor, provavelmente seja a guerra dos Cem anos – conflito em que duas nações; Inglaterra e França; impuseram a guerra, no século XV. Este elemento, não citado pelos irmãos Grimm, associa o contexto da obra à Grande fome de 1315. Outra referência ao período é a frequência da chuva, que segundo historiadores, esteve acima da média anual na primavera daquele ano. “Além disso, a chuva não parava de cair. Chovia a tal ponto que, naqueles campos, as únicas coisas que conseguiam se alimentar direito eram as lesmas.” (GAIMAN, 2015, p. 11). Segundo Aquino, “o início do século XV (especificamente os anos de 1315-1317) foi marcado por um ciclo de chuvas torrenciais generalizadas, que acarretou a perda de colheitas em vários pontos da Europa.” (AQUINO, 2000, p. 43). Os efeitos da grande fome foram, segundo Jeffrey Richards, o surgimento de doenças graves, pessoas comendo gatos, cães, praticando canibalismo e outras atitudes desesperadas. (Cf. RICHARDS *apud* AQUINO, 2000, p. 43). A estas atitudes desesperadas, podemos acrescentar o infanticídio presente nas entrelinhas do conto “João e Maria”.

Apesar do lenhador e da família não saberem quem lutava contra quem, a guerra deixou a família em estado de penúria, e a fome – como no conto original – figurou como antagonista. João ouviu a mãe falar durante a noite: “Quatro bocas para alimentar. Se continuarmos assim, vamos morrer. Sem as bocas a mais, eu e você teremos uma chance.” (GAIMAN, 2015, p. 14). O pai fica reticente diante da possibilidade de abandonar os filhos para a morte na floresta, a mãe argumenta: “Se você não comer (...), não vai conseguir brandir o machado. E, se não conseguir cortar uma árvore ou levar lenha para cidade, todos morreremos de fome. É melhor morrerem dois do que quatro” (GAIMAN, 2015, p. 14). Dialogando com este episódio, o conto apresenta a ilustração da escuridão do quarto de João e Maria, vemos uma porta iluminada mais adiante e o menino sentado na imensa cama, ouvindo os pais tramarem sua morte.

Fiel ao conto dos irmãos Grimm, o pai abandona os filhos na floresta e João, com os seixos deixados pelo caminho, encontra a trilha de volta para casa. Ao ilustrar as crianças perdidas na floresta, Lorenzo Mattotti confere um clima amedrontador à cena: Os irmãos sentados em um ponto mais claro da imagem e, no meio da escuridão, vê-se que um animal – um coelho talvez – os observa de soslaio.

Quando retornaram para casa, a mãe/madrasta do conto dos Grimm as repreendeu, mostrando uma simulada preocupação: “Suas crianças malvadas!

Por que ficaram dormindo esse tempo todo na mata? Pensamos que nunca voltariam.” (GRIMM *apud* TATAR, 2013, p. 64). A mãe criada por Gaiman, por outro lado, é incapaz de esconder sua decepção ao ver as crianças de volta à casa: “A mãe estava pálida e com os lábios apertados, e olhou para eles sem dizer uma palavra” (GAIMAN, 2015, p. 20). O pai, para comemorar a volta dos filhos, deu uma cereja para cada criança e “a mãe olhou com fome para as últimas quatro cerejas no vidro” (GAIMAN, 2015, p. 20). Nas descrições que o autor faz da mãe, mostra-se o ódio que a mulher tinha da própria cria, sentimento este que cresce paralelo à fome.

Mais uma vez, a mãe convence o pai a abandonar os filhos na floresta. Diferente da primeira vez, entretanto, João não ouve os pais conjurando durante a noite e por isso não está preparado, não tem pedrinhas para marcar o caminho. Esta cena é ilustrada por Mattotti através da imagem da floresta, na qual, em uma clareira, é possível vislumbrar o pai arrastando os filhos para serem abandonados.

O menino se utiliza do pão dado pela mãe e, fazendo bolinhas com ele, marca o caminho para seguir de volta a casa. Entretanto, os pássaros, como no conto dos Grimm, comem a trilha e no livro de Gaiman, Maria observa: “As criaturas da floresta também estão com fome” (GAIMAN, 2015, p. 28). Mal sabia ela que, entre as criaturas famintas da floresta, também estava uma bruxa.

As crianças se embrenham pela floresta escura e sentem o cheiro de pão de mel que os leva direto para a casa feita de doces. As crianças, esfomeadas, comem pedacinhos da casa, mas são interrompidos pela voz que vem de dentro da morada: “Quem está mordiscando a minha cabana? Será uma ratazana?” (GAIMAN, 2015, p. 33). Nem mesmo a casa de doces – colorida e atrativa – escapa do negro nanquim de Mattotti. A casa é ilustrada no meio da floresta, misturando-se com ela, engolida pela escuridão. As crianças, num ponto mais claro da imagem observam a casa. A bruxa, de nariz pontudo e queixo protuberante, aparece na ilustração seguinte, convidando as crianças para entrarem na casa.

As crianças, como ratinhos, caem na armadilha da velha bruxa. Dentro da casa havia comidas diversas e, após comer, as crianças deitam-se nas camas e caem em sono profundo devido ao sonífero posto na comida.

A bruxa levou João até o estábulo vazio nos fundos da casa e, ao deixá-lo lá, comentou feliz “carne”. Trata-se de uma aproximação que a velha faz da

criança com animais de abate. Ele foi deixado em um lugar tradicionalmente destinado a animais e capturado através de uma armadilha.

O “conto de fadas” havia acabado, a casa de doces, único lugar seguro no meio da floresta, torna-se cativo das crianças. A doce senhora que os alimentara, era apenas um disfarce. Maria acorda acorrentada à perna da mesa; não há mais cama ou comida. A crueldade do mundo adulto se mostra mais uma vez na vida dos irmãos.

No estábulo, João era engordado para ser devorado. Maria permanecia com a Bruxa, dentro da casa, servindo-lhe como empregada. Mas a velha vê Maria como uma criança, enquanto que João é visto apenas como alimento. “A velha (...) dizia a Maria que cuidaria dela e a protegeria até a menina crescer e se tornar uma mulher” (GAIMAN, 2015, p. 38-39).

Como no conto dos Grimm, a velha míope era incapaz de perceber que João estava cada vez mais gordo e era enganada pelo ossinho que o menino lhe dava, sempre que esta exigia ver seu dedo. Perdendo a paciência, a velha manda Maria acender o forno e depois pede que a menina verifique se o mesmo está quente. Diferente do conto original, a bruxa não intenciona jogar a menina no fogo; por outro lado, sendo fiel ao conto, Maria diz não saber como fazê-lo e quando a velha vai ensiná-la, inclinando o corpo dentro do forno, a menina a empurra para o fogo. “Maria tinha aprendido mais do que a velha suspeitava” (GAIMAN, 2015, p. 43). Mattotti ilustra esta passagem num cenário escuro, no qual Maria empurra a velha em um forno que parece um animal com dentes prontos para devorá-la.

Ao buscar o irmão no estábulo Maria declara: “A velha está morta (...). Eu a matei” (GAIMAN, 2015, p. 46). A personagem assume a responsabilidade do ato, enquanto que na narrativa dos Grimm a menina, ao libertar o irmão, declara: “João estamos salvos! A bruxa velha morreu” (GRIMM, apud TATAR, 2013, p. 72).

Quando saem da casa da velha, as crianças levam com elas joias e roupas encontradas nos baús da bruxa e retornam para a floresta, em busca do caminho para casa. Apesar de não ser narrada a ajuda de qualquer “patinha” que os auxilia a atravessar o rio, Mattotti denuncia a aparição da personagem ao ilustrar a criança sendo levada pelo animal de uma borda a outra do rio, deixando para trás a escuridão da floresta.

Quando veem a casa onde haviam nascido, eles não se aproximam, “Eles gritaram, sem se atrever a chegar muito perto” (GAIMAN, 2015, p. 47). O lenhador vai ao encontro dos filhos e as crianças perguntam pela mãe. A mulher, como nos Grimm, havia falecido; mas distanciando-se do conto original, Gaiman oferece possíveis explicações para o fato: “A mãe deles morrera pouco depois de as crianças desaparecerem, e ninguém sabe se foi porque algo a devorou por dentro, se foi a fome ou de raiva, ou por ter perdido os filhos” (GAIMAN, 2015, p. 50). Ao oferecer uma justificativa para a morte da mãe, o autor devolve a sacralidade materna, uma vez que nos leva a crer, que o remorso por ter abandonado os filhos tenha ceifado sua vida.

O final feliz conduzido pelo narrador vincula-se ao fim da fome: a grande antagonista do conto. “Os tesouros trazidos da cabana da velha garantiram o conforto da família, e nunca mais houve pratos vazios em suas vidas” (GAIMAN, 2015, p. 50). Tal desfecho nos remete aos contos camponeses nos quais, segundo Robert Darton, “o desejo habitualmente é por comida” (DARTON, 1986, p. 52).

Ilustrando o feliz desfecho, Mattotti apresenta uma imagem mais clara, na qual as crianças correm para os braços do pai, enquanto no fundo a casa apresenta fumaça na chaminé, denunciando que os tempos de penúria haviam terminado.

MARIA, A MÃE E A BRUXA EM *JOÃO E MARIA* DE GAIMAN

Como em “João e Maria” dos irmãos Grimm, o livro homônimo de Gaiman apresenta três personagens femininas: Maria, a mãe e a bruxa. Apesar das últimas versões dos irmãos Grimm transferirem a vilania para a madrasta, Gaiman prefere utilizar-se da versão cruel na qual é a própria mãe quem abandona os filhos para morrerem na floresta.

Maria, a mãe e a bruxa podem ser compreendidas, no enredo apresentado por Gaiman, como três gerações de mulheres - que, talvez, pertençam à mesma família - ou até mesmo como três faces de uma mesma personagem.

Maria, assim como o irmão, é uma criança. Ela, mostrando-se mais inocente que João, acredita que os pais seriam incapazes de abandoná-los na floresta. Na primeira vez que são enjeitados, Maria afirma, diante da demora do pai em retornar: “Temos que esperar (...). Talvez ele esteja atrasado.”

(GAIMAN, 2015, p. 17). Entretanto, quando abandonados pela segunda vez na floresta, João afirma que o pai não voltará e, desta vez, Maria, sem argumentar, concorda com o irmão.

Quando chegam à casa da bruxa, João é tomado por alimento; enquanto que Maria, apesar de empregada, é vista pela bruxa como uma pupila. A bruxa “dizia que a ensinaria todos os segredos, inclusive a chamar os pássaros nas árvores, a aprisionar viajantes e a garantir que todos que chegassem à choupana nunca mais fossem embora” (GAIMAN, 2015, p. 39). No clímax da narrativa, ao empurrar a velha no forno, o narrador afirma que a menina tinha aprendido bem mais do que a velha suspeitava.

Ao fim do conto, Maria, liberta de sua infantilidade inicial, é quem salva a si e ao irmão, ao empurrar a velha para as chamas. Apesar do mesmo final trágico dado à vilã, Gaiman se diferencia dos Grimm ao abordar a relação de Maria com a bruxa, na qual a mais velha ensina a mais jovem; uma relação típica dos círculos familiares.

A mãe é pouco afeita às crianças durante a narrativa. Uma rara demonstração de sentimento da mulher para com as crianças é quando, antes do pai abandoná-las na floresta pela segunda vez, a mulher acorda cedo para assar pães para eles com o pouco de farinha que ainda restava. A última e derradeira demonstração de amor da mulher para com os filhos é o remorso pelo abandono que a consome, levando-a à morte.

A mãe e a bruxa eram mulheres e tinham sentimentos pelas crianças – principalmente por Maria, no caso da velha – entretanto a fome faz delas antagonistas cruéis, capazes de, em nome da própria sobrevivência, matar criancinhas. Maria, apesar de ser uma das protagonistas do conto, era vista pela bruxa como uma sucessora em potencial, capaz de aprender as armadilhas e devorar outros viajantes. A mãe das crianças tinha uma visão objetiva da vida e priorizava a própria sobrevivência – se se esgotassem todas as formas de alimento – talvez também se tornasse uma canibal na floresta; desta forma, as três personagens femininas mostram-se como três faces de uma mesma figura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os camponeses contavam, no passado, histórias para espantar o tédio. Estas histórias versavam sobre um universo adulto e cruel, no qual a escassez de comida e os perigos cotidianos faziam surgir, na imaginação do homem, monstros terríveis. Foi desse universo imaginário camponês que nasceu o conto “João e Maria”. Segundo Kehl, “Os perigos do mundo, a crueldade, a morte, a fome, a violência dos homens e da natureza. Os contos populares pré-modernos talvez fizessem pouco mais do que nomear os medos presentes no coração de todos, adultos e crianças” (KEHL, 2006, p. 16).

Com as crianças, caminhamos pela floresta e vimos o quão cruel pode ser o homem, o quão bárbaro e selvagem alguém pode se tornar diante da fome. Apesar de ser uma obra de ficção, “João e Maria” alinhava-se a um triste contexto histórico no qual – priorizando a própria sobrevivência – pais abandonavam seus filhos durante a grande fome de 1315. A narrativa se relaciona em grande parte ao tema alimentação: as crianças são expulsas de casa, pois falta comida e são capturadas pela bruxa ao comerem a casa feita de biscoite/jujuba/pão de mel.

Os irmãos Grimm, ao transporem o conto para a literatura, buscaram suavizar as cenas de horror e tiraram da mãe o peso de ser a grande antagonista da história. Em verdade, a grande antagonista da história – em qualquer versão – sempre será a fome.

Ao compararmos o livro de Neil Gaiman, publicado em 2015, e o conto clássico dos irmãos Grimm, vemos que o autor inglês realizou uma paráfrase, quase um palimpsesto, uma vez que, ao lermos a obra de Gaiman, vemos as sombras do conto escrito pelos Grimm no século XIX.

Ao recontar a história ouvida na infância, Neil Gaiman buscou apresentar todo terror que sentia ao ouvi-la. Baseou-se na versão dos irmãos Grimm, mas extirpou delas toda referência cristã e deixou transparente a relação tensa que a fome estabeleceu sobre a família: pai, mãe e filhos. O livro, elaborado junto a Lorenzo Mattotti, não possui um projeto típico das obras direcionadas ao público infantojuvenil. Não é um livro colorido – a capa é negra como a assustadora noite na floresta. Apesar da linguagem simples e fluída; o livro mostra-se soturno, trabalhando com a escuridão do tema e das imagens inerentes ao conto clássico “João e Maria”.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Rubim Santos Leão de. A crise do feudalismo ocidental Europeu nos séculos XIV e XV. In: _____. **Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7ª ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (p. 197-221)

DARNTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: O significado de Mamãe Ganso In: _____. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história francesa.** Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986. (p. 21-93).

GAIMAN, Neil. **João e Maria.** Tradução de Augusto Calil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

GAIMAN, Neil e MATTOTTI, Lorenzo. Entrevista disponível em: <<http://www.intrinseca.com.br/neilgaiman/joaomaria/>>. Acesso em: 15/10/2015

GRIMM, Jacob. João e Maria. In: _____. **Contos dos Irmão Grimm.** Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. (p. 60-72)

_____. João e Maria. In: TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (p. 211-219)

KEHL, Maria Rita. As crianças e seus narradores. In: CORSO, Mário, CORSO, Diana Lichtenstein. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006. (p. 15-19)

TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

*Recebido em outubro de 2015.
Aprovado em dezembro de 2015.*